

Penalisou-me extraordinariamente a notícia que me trouxe o *Passourense*, o excellento periodico de Lucindo Filho, da morte do respeitavel ancião José Mariano de Oliveira, progenitor da athletica e notavel familia de que faz parte Alberto de Oliveira, o poeta dos *Sanchários*.

Morreu aos 73 annos de idade, tendo tido uma vida laboriosa e honesta e a suprema ventura de ver crescer sob o seu tecto e com os mesmos principios uma prole de 17 filhos que o orgulhavam e que lhe encheram de gloria os ultimos annos da sua existencia.

A familia do Sr. José Mariano é uma familia antiga, educada nos moldes da familia grega.

Dos seus filhos cada qual é mais forte e de aspecto mais sympathico,

muito ao contrario da generalidade dos moços brazileiros de hoje, que, indolentes e fracos, fazem tristissima figura se confrontados com um moço estrangeiro.

De sua tempora de ferro teve agora mesmo Alberto de Oliveira uma prova em cruelissima enfermidade que o prostrou seis vezes no leito que todos julgaram fosse seu leito de morte.

Bem faz elle de alongar os olhos pelo passado e de fazer a Musa respirar este ambiente das remotas grandezas que transporta heroicamente para os nossos dias.

Vive sua alma na mythologia e nos tempos heroicos da Grecia, porque lá é que ella se sente bem, ao lado dos monumentos gloriaes que vêm attestar presentemente a grandeza do genio humano d'aquellas edades.

Tambem o divino Leconte de Lisle tem o porte de uma estatua antiga e o busto de um antigo camapheu...

\*\*

O Sr. José Mariano de Oliveira era ainda mais alto que todos os filhos, que só chegaram à sua altura quando o peso das suas ves que lhe eraavam a fronte começaram a curvar-lhe a espinha.

Não foram os filhos que cresceram até elle, foi elle que generosamente desceu até os filhos...

De um natural muito avelado, era o velho cercado de todo o respeito e de todo o carinho da familia e de quantos o conheciam.

Entrámos esse portão. Chegavamos d'ahi a pouco à porta da casa.

Morava na Engenhoca, bairro assentado da cidade de Niteroy, e vinha para a cidade e voltava para casa todos os dias, a pé!

Nunca deixou de fazer alguma causa. A velhice não o impedia de trabalhar. Era um homem privilegiado.

\*\*

A primeira vez que eu fui à Engenhoca, à casa do meu querido mestre Alberto de Oliveira, ia comigo o Olavo Bilac, outro mestre meu não menos querido e por todo o longo trajecto na balsa Ferry, no boud e a pé, foi-me elle falando da boa gente que iamos visitar.

A familia em cujo seio se eria um poeta foi sempre para mim uma causa sagrada, e confesso que entrei a casa do Alberto preso de grande curiosidade ingenua.

Era noite. Chovia torrencialmente e nós tinhamos palmilhado um bom kilometro antes de lá chegar.

O Olavo, muitissimo myope e não usando ainda nesse tempo o *pinoc nez*, ia mettendo os pés na lama e exclamando resignado:

— Seja tudo por amor de Apollo!

Finalmente chegamos a um portão guardado por dous pés de arvores floridas que aromatizam a entrada como a prevenir a quem entra que lá dentro mora a Poesia...

De um natural muito avelado, era o velho cercado de todo o respeito e de todo o carinho da familia e de quantos o conheciam.

Entrámos esse portão. Chegavamos d'ahi a pouco à porta da casa.

Passados alguns minutos dizia-se versos e praticava-se animadamente.

Quando nos reenchemos veio conversar connosco, no quarto de Alberto, onde avulta um grande retrato de um principe russo, o velho José Mariano e eu pude então contemplá-lo a gosto.

A estrada que fizemos esta primeira vez debaixo de chuva tornou-se por diante a minha romaria de todos os domingos e sempre a meu lado seguiu o grande Olavo, que ia pelo caminho, a instâncias minhas, dizendo a *Delenda Carthago*, ou alguns numeros da *Vita Laetæ* ou a *Testação de Xenócrates* ou qualquer outra das suas impecaveis produções.

Com as frequentes visitas à Engenhoca tornei-me um grande admirador do velho José Mariano, cujo olhar se accendia de estranha scintillação se se recitava alguns versos dos seus queridos filhos...

— Seja tudo por amor de Apollo!

Finalmente chegamos a um portão guardado por dous pés de arvores floridas que aromatizam a entrada como a prevenir a quem entra que lá dentro mora a Poesia...

E a Sra. D. Amelia não deu ainda quanto pôde dar.

Tambem muitos se distinguem o Sr. José Mariano Filho, que com grande fer-

vor cultivou antigamente o verso, publicando um bom livro em 1875, creio eu, com o pseudonymo de MARIO.

Ha produções desse poeta illustre, posteriores ao livro, verdadeiramente notaveis como o *Monólogo de um feto* e muitas outras.

Hoje o Sr. José Mariano Filho, completamente entregue ao ideal philosophico do positivismo, renegou da litteratura todas as glorias e vaidades e é um dos poucos brazileiros que encaram seriamente a humana thoria de Augusto Comte.

Contudo, não abandonou o cultivo das letras. Nunca as abandona um verdadeiro poeta. Faz os seus poemas em harmonia com o seu credo philosophico.

Desse periodo conheço um canto em oitavas canoneanas de um poema contra a imigração, denominado *Curiziba*, notabilissimo.

Outro filho do Sr. J. Mariano distinto é o Bernardo de Oliveira, que tem publicado grande numero de bellissimos sonetos na *Semana* e em entros jornaes da corte e de provincias.

O Alberto de Oliveira é dos mais notaveis poetas brazileiros e justamente considerado com Raymundo Corrêa e Theophilo Dias os mestres da actual geração de poetas.

Tem elle publicado as *Canções Românticas*, as *Meridianas*, os *Sonetos e Poemas*, tem inedito um preciosissimo poema em mais de cem sonetos: *A noiva morta* e em laboração *O sabio*.

inglez, não fallando em grande cópia de produções não compendiadas.

Alberto é bastante conhecido e estimado para que eu esteja aqui a me ocupar com elle.

Além de todos estes poetas, tem ainda o Sr. José Mariano entre os filhos, o Luiz, o Mariano, o Alfredo, o Saturnino—de quem conheço versos e versos muito bons...

Já vê o leitor que foi um benemerito este homem que legou à nossa patria toda uma litteratura.

\*\*

A orgulhosa e esteril *Madame de Sevigné*, descendo ouvir seu elogio dos labios do proprio Napoleão, o Grande, em um baile em que dansava com o imperador, perguntou-lhe:

— Sire, em sua opinião qual é a mulher mais notavel da França?

Aquella, respondeu Napoleão ironicamente, que tiver dado à França maior numero de filhos...

Ora, o Sr. José Mariano de Oliveira não foi dos que den ao Brasil menor numero de filhos, mas foi o que ofereceu maior numero de poetas.

Por isso, ao ter conhecimento de sua morte, escrevi estas linhas, que não são um necrologio: seriam uma apoteose se não fossem tão tocas e humildes...

Romano Oratio,  
Santa Barbara, 22 de Dezembro de 1887.